

---

REVISTA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE E  
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL

---

REVISTA HCPA 2005; 25 (Supl 1) :1-251



<sup>a</sup>  
Semana Científica  
do Hospital de Clínicas de Porto Alegre  
12º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde do Mercosul

---

# Anais

REVISTA HCPA - Volume 25 (Supl 1) - Setembro 2005  
International Standard Serial Numbering (ISSN) 0101-5575  
Registrada no Cartório do Registro Especial de Porto Alegre sob nº 195 no livro B, n.2  
Indexada no LILACS

A Correspondência deve ser encaminhada para: Editor da Revista HCPA - Largo Eduardo Zaccaro Faraco - Rua Ramiro Barcelos, 2350  
90035-903 - Porto Alegre, RS - Tel: +55-51-2101.8304 - [www.hcpa.ufrgs.br](http://www.hcpa.ufrgs.br)

## OS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM E O ENFRENTAMENTO DA MORTE

LETÍCIA FIGUEIRÓ FONTOURA; VERA CATARINA CASTIGLIA PORTELLA

Este estudo objetiva compreender como os acadêmicos de enfermagem estão emocionalmente preparados para o enfrentamento da morte, uma vez que esta se faz presença marcante no cotidiano da profissão de enfermagem e que, atualmente, a questão da morte pouco é abordada, especialmente durante a graduação. Trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa, realizado na Escola de Enfermagem da UFRGS, cuja população se constitui nos acadêmicos de enfermagem do nono semestre do Curso de Graduação em Enfermagem. Através de entrevista semi-estruturada, segundo Triviños (1990), foram consultados doze acadêmicos, entre abril e maio de 2005. O questionário constou de dados de identificação e de perguntas abertas sobre experiências, sentimentos, medos, opiniões e religiosidade acerca da vivência de situações de enfrentamento da morte. Os dados foram categorizados e analisados segundo Lüdke (1986). Os resultados apontam que os acadêmicos que se julgam emocionalmente preparados para o enfrentamento da morte, tem considerável vivência dessas situações. Aqueles que se dizem não preparados, conservam uma ansiedade pelo fato de não saber como lidar com sua reação. Existe nos acadêmicos uma insegurança por não saber trabalhar tecnicamente e emocionalmente com situações críticas, devido a uma lacuna no ensino, durante a formação profissional. A religiosidade e a crença numa existência pós-morte parece confortar esses indivíduos. O vínculo formado com o paciente, durante o tratamento, influencia na intensidade da dor da perda. O processo de enfrentamento da morte para os acadêmicos de enfermagem é solitário, feito através de experiências pessoais, entretanto, seria de grande valia a discussão dessa temática durante a graduação.

## PROCESSO INTERACIONAL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM COM FAMÍLIAS EM INTERNAÇÃO PEDIÁTRICA

ANA PAULA FREIBERGER; HELENA BECKER ISSI

A Permanência Conjunta Pais-Filhos em Unidades de Internação Pediátrica, desencadeia dinâmicas relacionais entre as equipes de enfermagem e famílias das crianças internadas pelo estreito convívio que se estabelece. Este estudo pretende conhecer os processos interacionais entre cuidador de enfermagem e familiar no cuidado em uma Unidade de Internação Pediátrica que há mais de 25 anos vem adotando o foco no cuidado à criança e à família como marco norteador, através da ótica dos profissionais de enfermagem. É uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratório-descritiva, desenvolvida na Unidade 10º Sul do Serviço de Enfermagem Pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, e os participantes totalizaram 10 profissionais de enfermagem, sendo cinco enfermeiros e cinco auxiliares de enfermagem. As informações partiram de entrevistas semi-estruturadas, submetidas à análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Deste estudo surgem quatro temas: “Significando a Presença Familiar”; “Revelando Dilemas no Processo de Convivência com Famílias”; “Estabelecendo Comunicação com a Família” e “Cuidando do Cuidador no Mundo do Trabalho”. A compreensão alcançada revela os significados para os profissionais acerca da participação da família nos cuidados aos pacientes pediátricos, subsidia reflexões da equipe acerca de seu processo de trabalho no que tange às relações com famílias e desvela a importância de se ampliar o conhecimento sobre o entrelaçar família, criança e enfermagem.